



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

ANA PAULA DOS REIS SOUSA

O AGIR CONFORME A NATUREZA NA ÉTICA EPICURISTA

CAMPINA GRANDE – PB
2013

ANA PAULA DOS REIS SOUSA

O AGIR CONFORME A NATUREZA NA ÉTICA EPICURISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Licenciatura Pleno em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador (a): Prof. Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira.

CAMPINA GRANDE – PB
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S725a

Sousa, Ana Paula dos Reis.

O agir conforme a natureza na ética epicurista
[manuscrito]l. / Ana Paula dos Reis Sousa. – 2013.
23 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Educação, 2013.

“Orientação: Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade
Meira, Departamento de Filosofia”.

1. Ética 2. Physis 3. Felicidade I. Título.

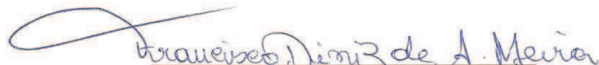
21. ed. CDD 170

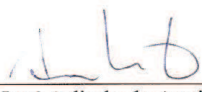
ANA PAULA DOS REIS SOUSA


O AGIR CONFORME A NATUREZA NA ÉTICA EPICURISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 10/12/2013.


Prof. Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Ms. Fábio Henrique Rodrigues Sousa / UEPB
Examinador

Agradecimento

Quero agradecer a todos que acreditaram em mim e torceram para que essa etapa acontecesse. Vivi dias intensos, corridos, difíceis e de muito aprendizado que me fizeram crescer. E dedico a cada um de vocês todo esse período importante de minha vida. Agradeço em especial aos meus amigos que tem me acompanhado desde sempre, amigos de longe e de perto, amigos de fé, amigos de missão (mpc), amigos que me dão força para viver. Obrigada, a minha vitória é também de vocês . Agradeço aos meus colegas de turma, quanta coisa vivemos, quantas horas estudando juntos, quantos anos juntos em contemplação. Como foi bom te-los como companheiros, filosofar com vocês foi a melhor parte do meu dia nesses últimos 5 anos . Vocês faziam das minhas noites apesar do cansaço a diferença em cada “veja bem”, os filósofos entendem. Aos professores quero ser grata pela paciência e dedicação com que nos ensinou .

Agradeço ainda mais, de forma ainda mais intensa aos meus pais que fizeram de tudo para que eu pudesse continuasse os estudos, meu coração é grato pela oportunidade que me deram de aprender, crescer e amadurecer. A minha mãe (in memória), quero agradecer por cuidar de tudo para que eu pudesse continuar os estudos, agradeço por cada vez que se preocupou com os mínimos detalhes para que eu continuasse a caminhada filosófica. Mesmo sem entender contribuiu para que eu chegasse ao fim. Aos meus pais agradeço por toda educação que deram .

Continuo agradecendo a Deus, pois ele é a fonte de minha vida e sem Ele nada aconteceria a ele agradeço pelos amigos, família e pela oportunidade de conhecer e prosseguir em conhecer.

Dedicatória

Dedico ao meu pai, mãe (in memória), amigos e ao meu Deus que me permitiu caminhar, filosofar e crescer na fé.

O AGIR CONFORME A NATUREZA NA ÉTICA EPICURISTA

ANA PAULA DOS REIS SOUSA

RESUMO

A ética em Epicuro tornou-se um manual de vida. Era a receita para se viver bem em conformidade com a natureza. Sua ética pensava a realidade para que através de tal reflexão pudessem ser feitas escolhas que afastariam os males da vida. A filosofia de Epicuro era baseada em princípios práticos, que tinham em vista a busca pela tranquilidade da alma e traziam consigo o prazer de viver, algo que o homem tanto necessitava, pois estes viviam envolvidos em falsas crenças e mitos que traziam o medo, que os impedia de viver com tranquilidade, pois eram perturbados constantemente pelos mitos, deixando de viver o hoje pelo medo do futuro e da morte. Para Epicuro isso afastava dos homens a possibilidade de uma vida feliz. Então sua proposta era de uma vida moderada, ligada a vários princípios que levariam o homem ao bem estar e assim esse, se tornaria não só feliz, bem como um filósofo. Contudo, para isso se faz necessário fazer uma investigação da natureza, buscando compreender a *phýsis* e como ela está presente nas coisas. Identificando qual deve ser o agir conforme a natureza epicurista que se faz por meio investigativo da *physiologia*. A partir de tal entendimento é possível conhecer as possibilidades de vida do filósofo epicurista, que aprende a viver moderadamente e por meio da reflexão encontra o caminho para a felicidade e tranquilidade da alma. Aspectos tão almejados na filosofia epicurista, porque permite ao homem viver em paz, governando a si mesmo e afastando-se dos males e vícios encontrando na amizade o remédio para suas dores.

Palavras chaves: *Phýsis*, Tranquilidade e Felicidade.

ABSTRACT

The ethics of Epicurus became a manual of life. It was the recipe for living well in accordance with nature. The choices that would send away the evils of life could be made through the reflection of reality according to the Epicurus ethical. The philosophy of Epicurus was based on practical principles that were intended to search for the tranquility of the soul and brought with them the joy of living, something that man so badly needed, because they lived engaged in false beliefs and myths that brought the fear that prevented them from living peacefully, they were constantly disturbed by the myths, failing to live today in fear of the future and of death. To Epicurus it would send away from men the possibility of a happy life. So His proposal was a moderate life, linked to several principles that would lead man to the welfare and so this would become not only happy, as well as a philosopher. However, it is required to make an investigation of nature, seeking to understand the phýsis and how it is present in things. Identifying what should be acting as the epicurean nature that is by means of the investigative Physiologia. From this understanding it is possible to know the possibilities of life Epicurean philosopher who learns to live moderately and through reflection finds the path to happiness and tranquility of the soul. Aspects as desired in Epicurean philosophy, because it allows humans to live in peace, governing themselves and away from the evils and vices finding friendship in the remedy for their pain.

Key words: physis, Tranquility and Happiness.

SUMÁRIO

RESUMO.....	
INTRODUÇÃO.....	07
1. BREVE BIOGRAFIA DE EPICURO.....	08
2. COMPREENSÃO SOBRE A PHÝSIS.....	09
3. EQUILIBRIO EM EPICURO.....	11
4. CARTA SOBRE A FELICIDADE OU CARTA A MENECEU.....	13
5. CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	24

INTRODUÇÃO

Temos aqui a pretensão de conhecer as possibilidades de um modo de vida epicurista que através da *phýsis*¹ permite ao homem conhecer sua realidade. Isso por meio da formação da consciência filosófica (fundamento na *physiologia*), ou seja, uma construção de entendimento que o levará ao que chama de prazer e que melhor irá alimentar sua alma, por meio do entendimento do modo de ser da *phýsis*. Para Epicuro o melhor não é possuir bens materiais, ter prestígio ou envolver-se com questões políticas e sim, possuir o bem do espírito, então iremos tratar um pouco do que seria essa *phýsis*, e de que maneira ela está presente nas coisas, ensinando o homem a agir corretamente e mostrando como, através do conhecimento advindo dela, poderia se alcançar um bem desejado, a felicidade e a tranquilidade da alma, ou mesmo como é chamada pelos epicuristas a *ataraxia*².

Nosso objetivo é conhecer as possibilidades que teriam esse ser ético em Epicuro e como era o tipo de consciência que tinham os homens de sua época. O nosso trabalho se fundamenta no modo de vida epicurista relatada na *Carta à Meneceu*, ou *Carta à Felicidade*, que trata como é possível vivenciar a felicidade ensinada por Epicuro sem ser corrompido pelos males que perturbam a natureza humana, e qual deve ser o agir do homem a partir dessa ética; que trata de equilíbrio por meio da consciência filosófica e felicidade.

Na obra de Laêrtios sobre a ética em Epicuro, examinaremos as características desse homem epicurista para que por fim possamos identificar o agir conforme a natureza numa ética epicurista e como é possível encontrar a felicidade através do diálogo e discussões levantadas nessa e em outras obras.

O entendimento da ética partirá da reflexão originada sobre a *phýsis*, que está interligado ao agir na natureza. Segundo os epicuristas, esta reflexão leva o homem a encontrar seu sentido próprio: Esse princípio permitirá ao homem “[...] ser capaz de utilizar-se do pensamento para escolher e recusar tudo o que necessita [...]” (Silva M.F., 2003. P.23). Se configurando como suporte para tornar-se um ser capaz de “usar o pensamento”, e de viver agindo em conformidade com a natureza na ética epicurista.

Pode-se pensar a *phýsis* como aquilo que constitui a natureza e que se realiza como princípio, então ela garante o modo de ser das coisas, a partir disso é possível questionar a realidade ou pensá-la, ou seja, filosofar.

¹ *Phýsis* é, segundo a etimologia da palavra, o processo de crescimento ou gênese de alguma coisa, [...] *phýsis* é o princípio (*arché*), porque é átomos e vazio; e, num terceiro sentido, *phýsis* é o modo de ser do todo ilimitado. (Silva. M.F., 2003. P.25).

² Termo grego- Tranquilidade da alma, ausência de perturbação.

BREVE BIOGRAFIA DE EPICURO

Epicuro nasceu em 341 a.C., na ilha grega de Samos, mas sempre ostentou a cidadania ateniense herdada pelo pai imigrante. Em Samos, ele passou a infância e a juventude, iniciando seus estudos de filosofia com o acadêmico Pânfilo, filósofo platônico cujas lições seguiram dos 14 aos 18 anos.

Já com 35 anos, em 306 a. C. firmou moradia em Atenas onde adquiriu uma ampla casa com jardim onde abriu sua famosa escola, logo conhecida como "O Jardim de Epicuro". Foi nesse jardim que esteve reunido com seus discípulos debatendo sobre a vida, sobre a tranquilidade que necessitava o homem e como este poderia alcançá-la. Sua escola ficou famosa na época por seguir um pensamento diferente das outras escolas existentes, sendo nela discutidas assuntos cotidianos sobre a vida dando ao homem possibilidades de questionar e buscar as respostas para suas indagações, sua escola trazia para esse mundo grego um modo prático de viver em meio à boa conversa entre amigos. Pois era isso que existia em sua escola, um ambiente de reflexão e amizades. Sua vida ligada aos ensinamentos propunha uma simplicidade onde ele mesmo demonstrava em prática quando não se dava a banquetes, mas se contentava com um pedaço de pão e água e, raramente apenas em ocasiões especiais se dava ao vinho e ao prazer de um pedaço de queijo que ganhava de amigos.

De sua escola surgiram vários discípulos como Hêrmarcos, Lâmpsacos e Meneceu e outros que depois de sua morte continuaram a difundir os ensinamentos de seu mestre. A alguns Epicuro escreveu cartas, a exemplo da Carta sobre a Felicidade, escrita ao seu discípulo Meneceu, que tinha por objetivo doutrinar seu aluno em uma vida ética.

Sua carta a Meneceu, mais conhecida como *Carta sobre a felicidade* tinha em vista atingir a tão almejada “saúde do Espírito” ou “equilíbrio da alma” tendo como meta alcançar a felicidade do homem que seria feita “(...) apenas no recolhimento do Jardim, no meio de amigos que são também amigos da sabedoria, distante dos tormentos da Polis e da multidão.” (Américo, 2007, p.93). Pois seus ensinamentos giravam em torno de que bastava ao homem, “servir a filosofia para que possas alcançar a verdadeira liberdade”. (Epicuro. 1980, p.13).

Não só a carta a Meneceu como outros escritos tinham o objetivo de discipular pessoas, incentivando-os a uma vida moderada e regrada, onde a filosofia seria o remédio para as dores, à reflexão seria o caminho para o prazer. Os escritos continham recomendações que socorria os aflitos, levar tratamento para a humanidade. Para Américo “O que move a ação curativa é o generoso sentimento de *philia...*”. Onde o maior bem está na “... confraria de

amigos da verdade alcançada pelos sentidos e pela razão...” (Américo, 2007, p.79, 81). Sua ética não deixava de ser terapêutica já que socorria o homem em suas dores, temores, dúvidas, medos, agonias, perturbações, fragilidades, sua teoria desejava tornar o homem leve, e já com ações moderadas e com um espírito quieto este fosse feliz.

A doutrina epicurista “... é uma doutrina defendida por homens que tem todos os motivos para desistir da felicidade e que, no entanto, afirmam...” “chamamos ao prazer princípio e fim da vida feliz”. (Américo, 2007, p.84), (Epicuro, 1980.p.17). Era em torno da sabedoria e *philia* que estavam pautados os conhecimentos epicuristas, já que era entre discípulos que a amizade surgia, formando esse jardim ou escola em uma “sociedade de amigos”.

Epicuro escolheu um modelo de vida asceta, faleceu em 270 a.C., aos setenta e dois anos de idade devido a cálculos renais e como último desejo entrou em uma “tina de bronze” (Laértios, 1998, p.286) pediu uma taça de vinho e ainda em conversa com seus amigos advertiu-os que não se esquecessem de suas doutrinas e morreu, e foi seu fiel discípulo Hêmarco quem o sucedeu na direção da escola.

COMPREENSÃO SOBRE A *PHÝSIS*

Em Epicuro a “*phýsis* é o processo de crescimento ou gênese de alguma coisa” e ele “a utiliza quando se refere aos corpos compostos e aos mundos” (Silva. M.F, 2003, p.25).

A *phýsis* pode ainda ser: “princípio (Arché), átomos e vazios, [...] o modo de ser do todo ilimitado” (Silva. M.F, 2003, p.23). Logo, a *phýsis* em Epicuro é o meio pelo qual se pode compreender a realidade, ou seja, tudo aquilo que a envolve permitindo que pelo exercício *physiologico* se investigue “a natureza ou toda realidade fenomênica” (Silva. M.F.2003, p.23).

O procedimento *physiologico* pode então ser caracterizado como o exercício da possibilidade de se fazer ontogênese – ou compreensão do movimento de geração e corrupção das coisas – da natureza, onde os diversos níveis de realização física são fontes de conhecimento do “*physiologico*”. [...] a finalidade deste procedimento consistirá em compreender a realidade mediante a construção de um pensamento originário. (Silva. M.F, P.26).

A *physiologia* é um exercício investigativo de pensar a *phýsis*, meio pelo qual se configura o filósofo, que encontrará nisso o seu “sentido próprio”, compreendendo através dele a sua vivência no mundo. Sendo este processo uma questão primordial para o

pensamento epicurista, já que o conhecimento acerca das coisas existentes se faz por tal caminho da *phýsis* e da *physiologia*. Epicuro percebe o quanto é importante a capacidade de pensar no todo e a capacidade de em ‘si’ pensar, usando o pensamento como forma para fazer escolhas ou mesmo para fazer recusas quando necessárias. Sua ética é o conhecimento para a vida que se constitui como próprio “modo de ser”.

Em acordo com essa natureza é necessário que haja constantemente esse processo investigativo, porque pensar a *phýsis* é pensar em si, pois “a natureza é a própria fonte, ou princípio, da vida física, psíquica e ética” (Silva. M.F, 2003, p.23). O homem na ética epicurista pensa em si e este vive em conformidade com aquilo que pensa (*phýsis*), ou seja, com a natureza que revela ao pensamento o que é possível ser pensado, conforme as coisas se realizam. O exercício da *phýsis* é o conhecer a si, tendo o controle de si que o tornará sábio o afastando de temores.

Entendendo acerca da natureza das coisas e de si mesmo, os homens eliminariam seus medos e angustias - além de possuir os dados explicativos e os critérios para o conhecer dos fenômenos - restando, assim, apenas o agir como elemento crucial para a realização da vida feliz". (Silva.D.L, 2009, p. 93).

É por meio da *phýsis* que se obtêm o conhecimento da realidade, ou seja, a própria busca da compreensão das coisas. Seguindo essa teoria a *physiologia* é à base do pensamento epicurista, uma proposta para que o homem desenvolva sua visão de mundo, de pensar sua realidade e o seu agir dentro dessa realidade. Essa realidade que é composta pelo princípio das coisas, pelos corpos, mundos e o todo, é essa *phýsis* que expressa àquilo que o todo é, enquanto natureza, bem como, os átomos, os corpos e os mundos.

Tendo sido visto que a formação dos mundos perpassa pelas concepções de *physiologia* e de *phýsis*, fato que ressalta a influência dos movimentos de geração e corrupção, compreende-se a razão pela qual o modelo cosmológico epicureo é pensado a partir de interferências lógicas, que por sua vez são capazes de imprimir ainda mais rigor aos argumentos da física epicurea. Entende-se a *phýsis* como aquilo que permite a realização da geração e do perecimento dos corpos compostos, assim, à concepção de natureza demanda o aprofundamento da relação de força entre os elementos condicionantes dos fenômenos naturais. (Vidal, 2011, p. 61, 62.)

A *physiologia* é a preparação como se pensa o mundo, obtendo dele o conhecimento para o existir das coisas, assim sendo, este apreende pelo modo investigativo a ser livre, pois passa a entender o que o cerca e como estas coisas estão para ele. Por isso o homem não se permite mais ser amedrontado, mas compreende o que é a natureza, o modo de ser das coisas,

e por esse procedimento adquire conhecimento por meio *physiológico* que permite apreender o sentido das coisas ao redor de si. Foucault, sobre o conhecimento da natureza, cita:

(...) o conhecimento da natureza, da *phýsis*, enquanto conhecimento suscetível de servir de princípio para a conduta humana e critério para atuar nossa liberdade; enquanto é também suscetível de transformar o sujeito (que era, diante da natureza, diante do que lhe haviam ensinado sobre os deuses e as coisas do mundo, repleto de temores e terrores) em um sujeito livre, um sujeito que se encontrará em si e o recurso de seu deleite inalterável e perfeitamente tranqüilo (...). (Foucault, 2004.p.294).

Apenas através do conhecimento da *phýsis* se conhece a si, só por meio dela que se tem o governo de si.

Os homens sem sabedoria, ou seja, os intemperantes sofriam as imposições das crenças e toda imperturbabilidade justamente porque a culpa e o medo estavam sobre eles, mas a sabedoria tinha o poder de livrar o homem das inverdades, das más escolhas o colocando em caminho da busca pelo bem mais precioso: os amigos, prazer, tranqüilidade e por fim, a felicidade. O modo ou procedimento *physiologico* então possibilitaria o homem epicurista descobrir o seu próprio modo de vida.

A construção do modo de viver de acordo com os limites da natureza impõe a aquisição do conhecimento acerca da *physiologia*, pois os movimentos da natureza quando observados e levados em consideração possibilitam identificar a medida das ações moderadas. (Vidal, 2011, p.129)

É imprescindível ser senhor de si para que nesse cuidado consigo mesmo o homem esteja preparado para viver bem , tendo em vista sempre a *ataraxia*.

O conhecer de si permitirá o homem adquirir não só o conhecimento acerca das coisas da natureza, mas também traria a sua prática de vida um controle sobre si mesmo, o equilíbrio que Epicuro desejava aos seus discípulos, para que estes pudessem viver e sabiamente pudessem compreender e agir moderadamente diante dos seus desejos e tudo o mais que o cerca.

EQUILÍBRIO EM EPICURO

O homem contemporâneo tem procurado de muitas formas a alegria que satisfaça sua alma, porém sua busca, por vezes irrefletida, o leva a devaneios, a banquetes onde existe apenas o contentamento passageiro. Quando Epicuro escreveu a carta a Meneceu ele tratou justamente da conduta do homem, sua carta continha exortações com o fim de guiar o

discípulo no melhor caminho, com a intenção de que Meneceu cultivasse todos esses preceitos ao longo da vida, uma receita para que enfim ele encontrasse e pudesse gozar da felicidade tão almejada.

Mas o que é a felicidade? E como alcançá-la? Para Epicuro a felicidade não estaria presente nas atitudes das pessoas que vivessem desregradas, vivendo as paixões carnis e seguindo o curso da vida, uma busca para satisfazer suas carências a qualquer modo. “Para o filósofo do jardim, é necessário que o sábio concilie sua filosofia com suas práticas e comportamentos”. (Silva, D.L. 2009, p. 92).

Sua ética ensinava o homem a diferenciar o bem buscado, levando-o a refletir sobre as formas como o homem tem saciado seus desejos, que era muitas vezes de forma desenfreada, e momentaneamente poderia até trazer a ausência da dor, isentando o homem da carência ou necessidade, mas nem sempre seria algo “necessário”.

Miséria econômica, miséria política. E a generalizada insegurança e o medo: medo da delação, do exílio, da pobreza, da morte. Surpreendentemente, é dentro de tanta adversidade que Epicuro constrói e difunde sua filosofia centrada no prazer, na serenidade e na alegria. (Américo, 2007, p. 92).

Epicuro entendia que para se viver bem era preciso viver com simplicidade, isso era algo que não iria ser dado pelos deuses, nem seria trazido pelas superstições, nem mesmo por meio de desejos ou por conquistas políticas porque na falta do equilíbrio o homem tornasse-ia incontrolável em suas atitudes, mas pretendia com seus ensinamentos que o homem gozasse da vida tranquilamente.

Para Epicuro (2002, p. 51), Meneceu poderia até se tornar um deus entre os homens caso aprendesse a viver corretamente, tendo em vista a filosofia, a sabedoria, os desejos praticados com prudência e o prazer não na idéia corriqueira do saciar por sentir apenas vontade, Américo diz: “fazem-se necessário distinguir o verdadeiro prazer, estável, dos prazeres que resultam em pesares ou partem de carências, movendo-se entre insatisfações. (...)” (2007, p.104). O que se deve buscar é a quietude do espírito em não sentir perturbação na alma, esse é o bem-estar que o homem contemporâneo procura, mas não alcança, pois busca sem reflexão.

Em sua vida passageira, o mortal pode alcançar atributos típicos da imortalidade (Américo, 2007, p. 103). [...] garantindo-lhe que a prática correta de tais ensinamentos será capaz não só de levá-lo a mais completa felicidade, mas até mesmo a sentir-se como um deus imortal entre os homens mortais. (Epicuro, 2002, p.17).

Essa prática de vida poderia trazer ao homem mortal atributos da imortalidade, haja vista que o homem deveria se contentar em perseguir a sabedoria como meio de vida, uma quietude presente apenas entre aqueles que estivessem tendo como prática a reflexão, “[...] o culto de si, como uma moral para consigo mesmo, teria sua completude em práticas, atitudes e comportamentos numa escolha de vida sábia”. (Silva, D.L. 2009, p. 89).

Um discípulo epicurista precisava ter características como essas, de alguém que olhando para si, enxergasse no outro um exemplo de vida a ser buscado e assim entre amigos pudessem estabelecer regras, condutas e procedimentos que os fizessem felizes, longe dos problemas da Polis.

O sábio, o filósofo, o homem prudente não será amedrontado pelo futuro nem pela morte, seu prazer na vida será conquistado com moderação. Pois nas reflexões de Epicuro a felicidade estaria presente na ausência da dor e das inquietações.

Quando dizemos que o prazer é o fim, não queremos referir-nos aos prazeres dos intemperantes ou aos produzidos pela sensualidade (...), mas ao prazer de nos acharmos livres de sofrimento do corpo e de perturbações da alma. (Epicuro, 1980, p.17)

O prazer em Epicuro é um “prazer em repouso” esse “prazer prescrito pelo epicurismo opõe-se a busca desenfreada e ansiosa de bens”. (Américo, 2007, p.105). Algo que não tem como objetivo a satisfação das necessidades, já que visa ausentar da alma a necessidade e a dor. Até porque nem todos os desejos devem ser atendidos.

Epicuro sintetiza a natureza dos desejos e a partir disso estabelece a proporção em que estes devem ser realizados. Assim infere a razão como responsável pelas atitudes que proporcionam equilíbrio, [...] a ética epicurista possui critérios bem definidos para as praticas humanas. (Vidal, 2011, p. 67).

Dentro dessa compreensão Epicuro vai guiar seus discípulos e principalmente Meneceu a entender o que cabe ao homem que procura a sabedoria, aquele que tem desejos, mas que desejando mais ainda a *ataraxia* tem como norteador para esses seus desejos a reflexão que é feita acerca de suas vontades. “O sábio epicurista é, portanto, um asceta que utiliza a compreensão racional do mundo e da vida para raciocinar os próprios desejos”. (Américo, 2007, p. 106).

CARTA SOBRE A FELICIDADE OU CARTA À MENECEU

A ética é um campo relacionado aos problemas humanos, ao longo da vida o homem está preocupado com os sentimentos como: angústia, medo, dor, inquietações; a partir disto, a ética busca refletir sobre esses problemas de modo justificável, estabelecendo então um bem possível. Essa é uma ética que permite ao homem viver longe da imperturbabilidade da alma encontrando assim a satisfação por meio dos desejos naturais e necessários.

Epicuro em vida escreveu algumas cartas, algumas se perdendo ao longo do tempo, mas as que foram encontradas foram esgotadas e vividas por seus discípulos a quem foram endereçadas, seguindo-se pelo tempo e alcançando a outros. E a sua maior preocupação, ou desejo, era que o homem pudesse entender que era possível viver sem o medo, principalmente o medo da morte. “O medo da morte provém, portanto, de expectativa equivocada, baseada no desconhecimento do que realmente acontece no mundo, em função da natureza das coisas e dos homens”. (Américo, 2007, p. 101).

Esse procedimento terapêutico de sua ética era iniciado no jardim por meio da *philia*, que ajudava o homem a suportar a dor e o medo, desprendendo o discípulo das raízes políticas e religiosas. A felicidade se resume, portanto, ao conjunto de práticas que dão ao homem um fim tranquilo. É necessário ao homem epicurista caminhar na vida praticando todos os preceitos de seu Mestre, para que este conheça o prazer que advém a existência como resultado de uma vida vivida por renúncias e sabiamente. (Laértios, 1998, p.315) acerca do prazer diz: “A magnitude do prazer atinge seu limite na remoção de todo sofrimento. Quando o prazer está presente, durante todo o tempo em que ele permanece não há dor nem no corpo, nem na alma, nem nos dois”. É preciso perder coisas que possuem prazeres momentâneos, para ganhar com aqueles que têm prazeres duradouros. Porque é na perspectiva de que é “suprimindo a dor” que se goza de “numerosas delícias”.

Viver é renunciar e renunciando se aprende a aproveitar o que de fato é verdadeiro e prazeroso, “Da mesma forma que não se escolhe nos alimentos apenas e simplesmente a porção maior, e sim a mais agradável, e não meramente o mais longo. (Laértios, 1998. p. 312). Prazer é o bem desejável e pretende-se que seja duradoura como a justiça, tranquilidade e sabedoria que são os bens desejáveis por todo discípulo epicurista que enxerga a vida como sábio, escolhendo aquilo que lhe dá prazer em face das renúncias que lhe trariam dor, esperando com moderação alcançar a saúde de espírito como fim de uma vida em que as escolhas tenham sido feitas por base no entendimento, quando se aprendeu a diferenciar o verdadeiro do falso e por isso ausentou da vida e do corpo a imperturbabilidade. A vida feliz é então pertencente aos sábios, aos que aprenderam a ser moderados e gozar das sensações a partir da reflexão.

Não é possível uma vida agradável se não se vive com sabedoria, moderação e justiça, nem é possível uma vida sábia, moderada e justa se não se vive agradavelmente. Se falta uma dessas condições (quando, por exemplo, o homem não é capaz de viver sabiamente), embora ele viva moderada e justamente, é-lhe impossível viver regradamente. (Laërtios, 1998. P. 316).

Caminhamos pelo exemplo a *Carta sobre a Felicidade* que foi endereçada ao discípulo Meneceu e que trata da questão moral e de como o homem deve encarar a vida. Epicuro se deteve em ensinar a suportar com modéstia e sabedoria todos os males da alma.

Todas essas adversidades não conseguem afastar o discípulo de Epicuro da certeza de que o homem, apoiado na compreensão dos fatos na natureza, pode evitar a dor e o medo, de muito pouco precisando para ser feliz. [...] Pouco é necessário, naturalmente, pelo que diz respeito ao corpo: tudo o que suprime a dor pode dar-lhe ao mesmo tempo numerosas delícias. (Américo, 2007, p. 94).

Para ele a vida deveria ser prazerosa para que valesse a pena, pois a felicidade é a “ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma” (Epicuro, 2002, p.43), felicidade é a tranquilidade que traz ao homem o contentamento, afastando de si qualquer inquietação.

Epicuro nos seus ensinamentos dizia que a vida devia ser nossa principal preocupação, acreditava que os deuses não possuíam influências sobre o cosmo e sobre o homem, acreditava na existência dos deuses, ou pelo menos, julgava não ter razão para negá-la.

Os juízos dos povos a respeito dos deuses (...) se baseiam (...) em opiniões falsas. Daí a crença de que eles causam os maiores benefícios aos bons. Firmados pelas suas próprias virtudes, eles só aceitam a convivência com os seus semelhantes e consideram estranho tudo que seja diferente deles. (Epicuro, 2002, p.25-26).

Epicuro traz uma reflexão sobre a qualidade da vida que o homem leva, pouco importa o tempo vivido, pois não bastaria vida longa com má qualidade, seria uma vida prolongada de angústia, solidão, dor, sofrimentos, entre outros “males” provenientes das escolhas.

Sobre a morte, ela nada mais é, do que as privações de sensações, pois devemos viver enquanto nos é dada a vida, pois quando a morte chegar nada sentirá dela “acostuma-te a idéia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações” (Epicuro, 2002, p.27).

Em escritos à Meneceu, o filósofo se refere à forma como é tolo aquele que diz ter medo da morte, pois ele não faz parte dos que estão vivos, ou seja, quando a morte chegar, não saberemos como ela é. Para alguns a morte é solução para os males da vida, faz parte do pensamento de alguns na sociedade atual, por isso o crescente número de suicídios, já para outros, a morte é o maior dos males.

Enquanto vivermos não existirá a morte e quando a morte existir, nós não existiremos, portanto, isso são caminhos que nunca irão se cruzar, pois a vida acaba quando a morte começa. Num breve comentário na Carta à Meneceu, Epicuro também fala sobre o futuro e diz que não devemos esperar por ele:

Nunca devemos nos esquecer de que o futuro não é mesmo totalmente nosso, nem totalmente não nosso, para não sermos obrigados a esperá-lo como se tivesse por vir como toda a certeza, nem nos desesperarmos como se não estivesse por vir jamais. (Epicuro, 2002, p.33).

Sua carta é muito rica, pois ela consegue envolver tudo o que está relacionada à existência do homem, coisas das quais vivem eles preocupados todo tempo. Seu método traçado tem em vista o alcance da felicidade que define o homem como um ser sensível e que seu contentamento só pode ser alcançado pela apreensão das coisas, ou seja, das sensações que capta tudo o que é real.

Eles dizem que os sentimentos (ou afecções) são dois: o prazer e a dor, que se manifestam em todas as criaturas humanas, e que o primeiro é conforme a natureza humana, e a outra lhe é contrária, e que por meio dos dois são determinados à escolha e a rejeição. (Laértios, 1998, p. 290).

Dos desejos, ele nos diz que são naturais ou inúteis; os naturais são próprios a *phýsis*, ou seja, as necessidades da natureza humana; os desejos inúteis são resultados de opiniões falsas e não correspondem a nada da *phýsis*, os desejos naturais são responsáveis pela felicidade, pelo bem estar corporal, pela nossa vida.

Epicuro tinha a ideia que a busca pela felicidade devia ser feita durante toda a vida e não apenas uma única vez: “(...) que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma”. (Epicuro, 1997, p.43).

O desejo natural surge como desejo de superar o desprazer, satisfazendo assim, a necessidade do corpo e da alma. Porém como há os extremos, os excessos, o prazer traz satisfações, mas também pode trazer dor.

[...] o prazer, como bem principal e inato, não é algo que deva ser buscado a todo custo indiscriminadamente, já que as vezes pode resultar em dor [...] recomenda-se uma conduta comedida em relação aos prazeres , valendo , [...] aquele principio da qualidade em detrimento da quantidade .(Lorencini ,1997 apud Gomes, 2003, p.13).

É importante, portanto primar sempre pela qualidade e não pela quantidade daquilo que se faz ao longo da vida, pois para os Epicuristas o prazer não deve ser considerado pelo excesso, como algo apenas para suprir uma necessidade. O mais importante então é a ausência

de dor no corpo e a falta de perturbação na alma, um prazer que está ligado a viver com moderação.

Nem a posse das riquezas nem a abundância das coisas nem a obtenção de cargos ou de poder produzem a felicidade e a bem-aventurança; produzem-na a ausência de dores, a moderação nos afetos e a disposição de espírito que se mantenha nos limites impostos na natureza. (Epicuro, 1980.p.17).

A carta à Meneceu era o que ele precisava pôr em prática e cumprindo corretamente seus ensinamentos alcançaria a felicidade, e seria até mesmo mais do que um mortal “um deus”. Na carta diz que o homem mais feliz é o sábio, pois ele possui juízo acerca dos deuses porque não temem a morte, mas a entendem.

Irmanados pela sua própria virtude (os deuses só aceitam a convivência com os seus semelhantes (...)). Medita, pois, todas estas coisas (...) contigo mesmo e com teus semelhantes, e nunca mais te sentirás perturbados (...) mas viverás como um deus entre os homens (Epicuro, 2002, p.25,27 e 51).

É interessante notar que Epicuro em todas as suas teses se importa com a felicidade do homem e o incentiva a buscá-lo incessantemente fazendo-o por meio de uma vida equilibrada.

Acredita que é possível alcançá-la e assim ensina seus discípulos a persegui-la em vida, como possibilidade de viver aqui nesse mundo uma vida tranqüila e equiparada a dos deuses. Pois não há como querer viver prazerosamente quando envolvido pelo medo, angústias e preocupações dessa vida. Pensava assim Epicuro e sobre isso ensinava, provando que era possível entender a vida através da percepção da natureza, por meio da compreensão e apreensão das explicações racionais acerca de tudo o que a compõe.

Mas é importante ao homem que deseja alcançar a felicidade, está disposto a buscá-la, sendo preciso viver moderadamente e longe de tudo o que o mundo pode dá-lo, ou as formas como pode seduzi-lo, o que geralmente é feito por meio das riquezas e bens. O homem precisa viver em moderação e viver assim requer muitas vezes renúncias. “O limite da magnitude dos prazeres é o afastamento de toda a dor. E onde há prazer, enquanto existe, não há dor de corpo ou de espírito, ou de ambos”. (Epicuro, 1980, p.14).

A proposta da carta seria de uma vida completa onde tudo deveria ser compartilhado, sendo tudo comum a todos, como acontecia no “jardim de epicuro”, lugar para conversas. E segundo Epicuro, essa *phylia* desempenha um papel fundamental na felicidade, a amizade é o mais sincero dos amores, pois não desperta desejos carnis, satisfazendo completamente o espírito. A carta sobre a felicidade exortava a prática do filósofo tanto para o jovem quanto para o velho, pois para filosofar não existia idade.

Este homem que por muitos foi admirado por ter pensado no bem, valorizando o homem foi intitulado por Lucrecio como “descobridor da verdade”. Pois propôs ao homem o logos filosófico, um legado que conseguiu ultrapassar gerações atingindo-os pela razão e seu amor à humanidade.

Sem dúvida que seu modo de vida despertava a atenção de muitos que eram chamados a conhecer a ‘verdade’, eram chamados a serem amigos do conhecimento e de uns com os outros.

Nessa reunião feita no jardim é interessante notar que ali podiam se reunir mulheres, escravos ou mesmo estrangeiros. Essa reunião no jardim buscava o alcance da verdade, da razão, e tinha por objetivo discutir sobre os medos dos homens e suas crenças e tudo o que fosse concernente a vida humana. “Quando te angustias com as tuas angústias, te esqueces da natureza: a ti mesmo te impões infinitos desejos e temores”. (Epicuro, 1980, p. 18)

Não são as conquistas que tornam a vida melhor e sim a reflexão acerca das coisas e, na verdade, a reflexão em relação a tudo é que pode levar o homem a discernir sobre aquilo que lhe é melhor para gozar em plena paz. Tornando-o mais leve, no sentido de que através da reflexão o homem adquire o discernimento no que tange as suas escolhas e aquilo que deve ser deixado de lado, ou seja, recusado.

Na ética epicurista para que o homem chegue a gozar de felicidade algumas coisas ele deverá escolher. E só o entendimento em relação às coisas que o cerca lhe permitirá este raciocínio. “Faz-se necessário distinguir o verdadeiro prazer, estável, dos prazeres que resultam em pesares ou partem de carências, movendo-se entre insatisfações. (Américo, 2007, p, 105).

Através do método o homem saberá o porquê de ter escolhido ou recusado algo, provendo sobre si a imperturbabilidade, a *ataraxia* descrita por Epicuro. Pois sobre este homem não haverá angústias e então aquilo que está para a vida do homem como exigência da natureza, o tornará prudente e sábio.

Quando o homem adquire a prudência esta se desdobrará em muitas outras virtudes que são indispensáveis ao homem epicurista, indispensável ao que pretende alcançar a vida feliz. Pois possuir um espírito que não se abala facilmente pelos atrativos humanos, nem pelo medo ou mesmo não se deixa levar pelas opiniões, é afirmar que este chegou ao nível de *ataraxia*, estado em que se pode viver e gozar sem maiores temores.

Mas para Epicuro ainda havia algo melhor e maior do que refletir acerca das coisas, muito embora esta também fosse proveniente da sabedoria adquirida, pra ele seria alcançar a amizade. Imagina-se o Jardim, como lugar em que se vivia isso de maneira plena, em acordos,

em fraternidade, onde a amizade era conquistada pela partilha, pela boa conversa, nas discussões, na livre concordância daquilo que desejavam viver. Onde todos estavam presos uns aos outros não pelo interesse e sim pela conquista da amizade. “De todas as coisas que nos oferece a sabedoria para a felicidade de toda a vida, a maior é a aquisição da amizade”. (Epicuro, 1980, p.20).

Para Epicuro a amizade tornava a vida melhor. O modelo de jardim era o aconchego dos homens que procuravam sentido para suas vidas, que naqueles dias em que as discussões políticas estavam vazias, onde a polis já estava em degradação, só um jardim poderia trazer sentido de vida, estes podiam ser de qualquer ordem, escravos, livres, mulheres ou estrangeiros. “Epicuro simulou no jardim as relações que produziriam a existência efetiva da felicidade e a harmonia social a partir da experiência do pequeno núcleo por ele ordenado.” (Vidal, 2011, p.137).

CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA

Trata-se de uma perspectiva ética que determina o agir do homem, sendo isso através da construção do pensamento filosófico que nos epicuristas é vista pelo modo de vida. Na carta à Meneceu como até já foi mencionado é Epicuro cria alguns princípios, que ao serem praticados, ao fim, são encontrados o prazer da vida, ou saúde de espírito ou como também é chamada: a tranqüilidade da alma.

A construção da compreensão da *phýsis* (fundamento da questão do equilíbrio no pensamento epicurista) como descrita no primeiro capítulo e a *physiologia* (procedimento de investigação da natureza) permite ao homem conhecer melhor sua realidade e por isso recusar ou aceitar determinadas coisas que lhe surjam na vida.

O homem em Epicuro adquire um procedimento reflexivo, processo pelo qual se podem conhecer os desejos humanos a partir das explicações da natureza (*phýsis*). Sua ética traz ao homem o desejo de alcançar o bem que a felicidade traz e para compreender como esse processo se dá, é que se faz necessário indagar acerca da *phýsis*, pensando a realidade, constantemente buscando seu sentido. "Seu fundamento é a ciência da natureza, mas natureza enquanto *phýsis*, enquanto natureza das coisas, enquanto organização invisível, porém racional". (Américo, 2007, p.112).

Alcançar o objetivo dessa ética é se permitir refletir, aprender esse ato individual de compreensão é conhecer tanto a si como a sua realidade. (Silva, 2003, p.87). “Agir de acordo com a natureza [...] define a relação entre a *physiologia* e a ética na medida em que explicita o

sentido do proceder filosófico em busca da compreensão necessária a fundamentação da ação sabia. Em Epicuro é sempre importante pensar o mundo e seus acontecimentos”.

Essa ética da moral é o fundamento da forma de vida epicurista que determina o agir, por isso que todo filósofo epicurista deve se basear nessa ética que permite ao homem fazer escolha ou rejeições, um método que o faz entender qual a melhor conduta, que ao se aprender será demonstrado pela saúde de espírito, ou seja, através de uma vida prática onde tudo o que o homem deseja para estar bem se resume a felicidade, que terá alcançado só pela moderação.

Essa ética veio como resposta à conduta regente da época de um mundo antigo em crise, onde as pessoas não demonstravam prudência em seus atos e viviam de forma desordenada, Droysen afirmou:

As massas empobrecidas, imorais; uma juventude asselvajada pelo mister de mercenários, estragada pelas cortesãs, desequilibrada pelas filosofias em moda; uma dissolução universal, uma ruidosa agitação, uma febril exaltação a que sucedem a distensão e uma estúpida inércia, tal é o quadro deplorável da vida grega nessa altura. (Droysen apud Joyau, 1980, p.40.)

Esses homens de vidas marcadas por dificuldades nem assim, desistiram da felicidade e não só persistiram como incentivaram outros a buscá-la incessantemente.

A vida para os epicuristas requeria uma vida que fosse distanciada de tudo àquilo que podia trazer impedimento para a reflexão. O jardim distanciava os epicuristas das perturbações e os aproximavam da sabedoria encontrada na *phylia*.

A sabedoria encontrada no jardim é o realizar-se através da amizade, do gosto de estar entre amigos, não por mera relação, mas de forma organizada, onde cada um sabe o que é, e porque está no jardim, bem como o que procura nos amigos, que nada mais é do que a realização em refletir e comungar com outros o sentimento de *phylia* buscando sempre a sabedoria.

Nesse lugar o que mais importava para todos era a amizade, o estar perto, a boa conversa, a companhia.

O jardim converge para a unidade entre sujeitos de diferentes origens, mas que se aglomeram por um mesmo sentimento de (*phylia*). Uma comunidade filosófica que demanda aos seus participantes a unidade no sentido da convivência fraterna tem o discurso como forma de terapia, pois o logos neste ponto apresenta-se como o elemento principal para a busca da felicidade. (Vidal, p. 101, 108)

O jardim de Epicuro, não propõe apenas um afastamento das misérias humanas, mas o ajuntamento de amigos. É necessário viver no jardim disposto a renunciar a vida fora dela, em

disposição a se moldar aos amigos visualizando-os como caminho para a felicidade, uma felicidade que não é interesseira, nem tão pouco individualista, mas que se faz em comunhão uns com os outros. Talvez seja muito utópico pensar em um lugar assim, mas o fato é que o jardim era o lugar onde se podia viver bem na companhia de amigos, onde a felicidade era anseio de todos que vivendo sabiamente escolhiam a melhor parte da vida, viver tranquilamente.

[...] Epicuro entendia que a humanidade sofria de um mal universal, uma escuridão mental, um fardo de medo supersticioso; e grande parte da responsabilidade cabia aos ensinamentos nas escolas. Contestou o ceticismo, a desconfiança nos sentidos e na razão; a falsa doutrina do prazer, de modo que a desconfiança dos sentimentos era acrescentada a desconfiança dos sentidos e da razão; a falsa doutrina dos compromissos sociais, que substituíam a amizade pela justiça, a falsa doutrina de Deus, que assediava o espírito dos homens de medo em vez de enchê-los de alegria. (Gomes, 2003, P.14).

Então o remédio não era outra coisa se não a filosofia, preocupado com isso foi que Epicuro formou o jardim onde amigos se reuniam para discutir sobre diversos assuntos “dizia que a filosofia era uma atividade destinada a estabelecer, por meio de raciocínios e de discussões, uma vida feliz” (Epicuro, 1980.p.11) e, sobretudo uma vida com moderação, foi assim que aos poucos Epicuro compartilhou sobre sua ética que praticada com sabedoria poderia levar o homem ao estado de felicidade.

Doente, a humanidade transformada em rebanho precisa de tratamento. A fonte do mal, que se alastra pelo contágio do mimetismo, está detectada: as falsas crenças. O que move a ação curativa é o generoso sentimento de *philia* que, além de sustentar intrinsecamente a filosofia, transborda--enquanto amor a sabedoria – em amor a humanidade. (Américo, 2007, p.79).

Os seus ensinamentos se pautavam na crítica ao medo que os homens sentiam e que por eles eram incomodados e por vezes impedidos de perceber ou de encontrar o bem para suas vidas pelo jugo que as crenças traziam sobre eles. Para Epicuro o maior problema estava em o homem se deixar amedrontar pelas crenças falsas, tal medo o impedia de refletir acerca da natureza ao seu redor a exemplo do medo da morte.

O medo da morte provém, portanto de expectativa equivocada, baseada no desconhecimento do que realmente acontece no mundo, em função da natureza das coisas e dos homens. Essa natureza (*phýsis*) é constituída tão somente por átomos eternidade se movendo no infinito vazio: inumeráveis e efêmeras construções atômicas – como o homem, seu corpo, sua alma. Imortais só a *phýsis* e os deuses. (Américo, 2007, p.101).

Então para Epicuro esse medo é justamente o desconhecimento do mundo, tal ignorância faz o homem sofrer desnecessariamente, envolvendo-se em crenças e subjugando a

elas de forma que passam a viver perturbado pensando no futuro, sem que se saiba o que de fato acontecerá. Seu método de vida ensinava como buscar o prazer e como vivê-lo intensamente sem que com isso se cometesse excessos, mas que houvesse sempre o contentamento no espírito, pois “A filosofia não é uma ciência, é uma regra de procedimento”. Epicuro.

A tese epicurista vem trazer ao homem a possibilidade de viver sem esse jugo e apenas através da reflexão da natureza dar ao homem condições de entender a sua própria vivência nesse mundo e aquilo que lhe é pertinente em vida. Já que o viver amedrontado pela morte é viver de forma tola, “pois ela não existe e quando ela vier a existir não estaremos, mas aqui”. Então para Epicuro é preciso viver o agora, de forma racional e assim feliz.

A consciência filosófica começa a ser formada quando o homem entende que a única preocupação deveria ser constituída por uma vida prática, “(...) a vida pratica deve ser não somente a nossa principal, mas também a nossa única preocupação”. (Epicuro, 1980, p. 11). Portanto, uma prática que impede de se deixar levar pelos vícios, pela sensualidade, crenças, medos e outros que tanto perturbavam os homens na época epicurista. É preciso aprender que os deuses nunca vão interferir nas decisões humanas e que viver bem é não pensar no amanhã, mas viver o hoje.

Todo o sistema não é realidade senão moral, teoria de felicidade; ora, não há felicidade possível para o homem enquanto está atormentado pelo medo da morte e pelo temor dos deuses; é preciso, portanto libertá-lo desse medo, fazendo-lhe conhecer as leis e os princípios da natureza; por fim, para fazer compreender a solidez das explicações que lhe fornecem e para garantir contra as seduções do erro, é preciso determinar os meios que temos de conhecer a verdade e de á discernir do que é falso. (Epicuro, 1980, p. 11).

Também possuir tal consciência é possuir uma filosofia que não é ciência, mas que segundo ele é são regras praticas sendo assim, permite ao homem não só adquirir conhecimento acerca de sua vida e aquilo que a envolve, mas dá condição para que esse homem seja o autor de sua vida quando escolhe ou rejeita.

Isso porque o homem em Epicuro através da reflexão adquire autonomia sobre si, não há, mas deuses, não há mais medos e crenças. O que há agora é um homem que aprendeu a lidar com o mundo, pensando esse mundo e seus acontecimentos, por isso este pode também pensar sobre si e através de um conjunto de regras estabelecerem para si um caminho para a busca do prazer.

O que se pode entender de sua ética é que ela é uma doutrina para o homem que quer afastar de si toda e qualquer perturbação e só por isso já tenha contentamento, ou seja, prazer.

Só a sabedoria permitirá ao homem fazer a escolha certa e necessária, porque “[...] há desejos que são naturais e necessários; outros são naturais e não necessários;” (Epicuro, 1980, p.18). Em outro texto diz o comentador: “o sábio epicurista é, um asceta que utiliza a compreensão racional do mundo e da vida para raciocinar os próprios desejos”. (Américo, 2007, p.77).

A construção filosófica começa quando se aprende a pensar a realidade e através dela a pensar sobre seus próprios desejos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ensinamentos de Epicuro mostravam ao discípulo como se desprender dos medos, das aflições que só afastavam o homem de viver bem. O que se deu a partir da compreensão da *phýsis* é o modo de como vivenciar a felicidade tratada pelo filósofo Epicuro sem que este fosse corrompido pelos vícios que podiam perturbar a natureza humana, ensinando com isso qual devia ser o agir do homem a partir dessa ética.

Pode-se concluir, portanto, que pela ética epicurista o homem alcança a “saúde do espírito” entendendo o prazer como necessidade do corpo e da alma. Pois, o sábio, o filósofo procura viver a vida de forma intensa se afastando do que possa perturbar seu espírito. A ética epicurista é voltada a reflexão dos problemas encontrados na alma, como dor, angústia e outros.

Então viver conforme a ética epicurista é viver como sábio que possui uma consciência filosófica, podendo fazer uma investigação de tudo o que o rodeia de forma sábia, discernindo entre o útil e necessário, tendo em vista o prazer à felicidade que ausenta da alma toda inquietação. A proposta do ensinamento de Epicuro era que o homem adquirisse os bens da vida, bens no sentido de dádivas como prazer, tranquilidade, amizades e tudo isso através do conhecimento e nunca pela crença. A ênfase de sua doutrina estava em que o epicurista compreende-se a natureza ou objetivo de seus ensinamentos como algo conquistado pela razão, a reflexão no agir.

A caminhada de um discípulo devia ser bem regrada e por isso tendo em vista um fim vivido sabiamente, já que para ser um praticante das teorias epicuristas se fazia necessário buscar a sabedoria e por isso ainda ser considerado um deus entre os meros mortais. Ser sábio, portanto, é na verdade “[...] estabelecer em si mesmo uma calma que protege o espírito dos choques e golpes da existência”. (Droit, 2012, p.54).

Viver como um epicurista era se resguardar da bagunça cotidiana, do fervor dos desejos humanos com suas atraentes belezas, cargos, bens e outros. Viver como um discípulo

epicurista era viver calmamente a sabedoria. Em tudo “[...] o objetivo é que o corpo não sofra e o espírito não seja perturbado”. (Droit,2012, P. 57). A felicidade então era a maior realidade em face de uma vida sem males.

Vivenciar a felicidade é refletir seus atos, sua realidade e aliar-se aos princípios dos epicuristas e viver com os amigos. “[...] a filosofia não tem sua finalidade unicamente na realização plena do pensar contemplativo, mas a filosofia deveria propiciar um conhecimento verdadeiro da felicidade e, por conseguinte, o estudo da ética [...]” (Silva. D.L, 2009, p. 89).

Todos os problemas que surgiram nessa época não foram suficientes para fazer morrer nos discípulos o desejo de serem felizes, não os fez perder a vontade de se tornarem sábios e foi nessa conquista que eles visualizavam uma vida que fosse tranquila, regrada aos modos de um verdadeiro discípulo epicurista.

REFERÊNCIA

DROIT, Roger-Pol. **Um passeio pela Antiguidade**: Na companhia de Sócrates, Epicuro, Sêneca e outros pensadores. Rio de Janeiro: Ed. Difel, 2012.196p.

EPICURO, **Antologia de Textos**. In: Epicuro, Lucrecio. Sêneca e Marco Aurélio. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

EPICURO, **Carta sobre a felicidade**. Edição bilingüe. Trad.: Álvaro Lorencine e Enzo Del Carrotore. São Paulo: Ed. UNESP. 1977

FOUCAULT, Michel. **Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GOMES, Táuria Oliveira. **A ética de Epicuro**: um estudo da carta a Meneceu. UFSJ/ São João Del-Rei, 2007. Disponível em <http://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/lable/revistametanoia_material_revisto/revista05/texto13_etica_epicuro.pdf>. Acesso em: 12 out. 2013

JOYAU, E. *Epicuro*. IN: EPICURO. *Antologia de textos*. São Paulo: Abril. Cultural, 1980. (Os Pensadores).

LAÉRTIOS, Diógenes. **Vidas e Doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução de Mário da Gama Kury. 2. Ed. Brasília: UNB, 1998.

NASCIMENTO, Rodrigo Vidal Do. **O corpo no pensamento de Epicuro**: limites e possibilidades. 2011. 154f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte RN, Natal, 2011.

MOTTA PESSANHA, José Américo. “As delícias do jardim” in NOVAES, Aduino (org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

SILVA, Daniel Linhares Araujo da. **O sistema de Epicuro**: dos elementos primordiais ao cultivo de si para a vida feliz. 2009. 113f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Markus Figueira da. Epicuro: sabedoria e jardim. **A physiologia ou saber acerca da phýsis/ O éthos do equilíbrio: o exercício da sabedoria**. In: II. Rio de Janeiro: Relum e Dumará, 2003. Cap. 2, p. 85 – 101; cap.5, p. 23 – 45.

